

## A LEITURA NA PERSPECTIVA ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Gizelle Macedo<sup>1</sup>

Karina Dias<sup>2</sup>

Ângela Maria Gusmão Santos Martins<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta reflexões de professores em formação, sucedidas nas aulas da disciplina Práticas de Leitura que faz parte do currículo do curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Após a definição do roteiro de leitura, foi possível realizar análises das ideias apresentadas pelos pesquisadores que constituíram o referencial teórico, são eles: Cagliari (1997), Martins (1994), Berti (sd), Silva (1989), Geraldi (1997), Martins & Vieira (2012), que versou sobre o ensino de leitura na perspectiva escolar. Por meio dos estudos realizados, chegou-se a conclusão de que cada vez mais, muitos professores têm valorizado práticas que priorizem apenas a leitura pela leitura, ou seja, uma leitura desprovida de sentido deixando para um segundo plano, o que deveria ser trabalhado: a compreensão dos textos. Essas práticas têm afastado um grande contingente de alunos da leitura o que vem preocupando muitos professores. No entanto, com o surgimento das novas tecnologias esses professores veem uma luz no fim do túnel, pois a grande maioria dos alunos tem a sua atenção voltada para os computadores, tablets, celulares games etc., recursos que podem favorecer o desenvolvimento de habilidades de leitura. Os professores que utilizam essas tecnologias fazem com que os alunos compreendam a importância que a leitura poderá ter em suas vidas. No referido artigo, também se apresentou algumas estratégias que visam favorecer o ensino de leitura enquanto construção do sentido, tendo como meta, fazer para que os alunos desenvolvam tal habilidade de leitura.

**Palavras-chave:** Leitura. Escola. Ensino. Práticas pedagógicas.

**ABSTRACT:** *READING PERSPECTIVE IN SCHOOL: SOMEONE CONSIDERATES.* This article presents reflections of student teachers, successful in the classroom discipline practices reading part of the curriculum of Vernacular Letters from the State University of Southwest Bahia (UESB). After defining the script reading was possible to undertake analyzes of the ideas presented by researchers who formed the theoretical framework, they are: Cagliari (1997), Martins (1994), Berti (sd), Silva (1989), Geraldi (1997), and Vieira Martins (2012), which was about the teaching of reading in school perspective. Through the studies, came to the conclusion that increasingly, many teachers have valued practices that prioritize just reading for reading, in other words, a reading devoid of meaning leaving the background, which should be worked: understanding of texts. These practices have removed a large contingent of students reading what is worrying many teachers. However, with the emergence of new technologies such teachers see a light at the end of the tunnel, because the vast majority of students have their attention drawn to computers, tablets, mobile games etc., Features that may favor the development of skills reading. Teachers who use these technologies make students understand the importance that reading can have in their lives. In that article, also presented some strategies designed to promote the teaching of reading while construction of meaning with a target, making for students to develop such skills for reading.

**Keywords:** Reading. School. Education. Pedagogical practices.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

<sup>2</sup> Discente do curso de Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – email: angelauesb26@hotmail.com.

Para que se possa falar sobre o significado da leitura, será preciso, em primeiro lugar, conceituar linguagem, algo que não pode ser concebido somente como um conjunto de palavras faladas ou escritas, mas também realizada por meio de gestos e imagens. Afinal, não nos comunicamos apenas pela fala ou escrita.

Corriqueiramente a linguagem é entendida como uma capacidade humana. Segundo a definição disponível no site Wikipédia <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Linguagem>>, a linguagem

Pode se referir tanto à capacidade especificamente humana para aquisição e utilização de sistemas complexos de comunicação, quanto a uma instância específica de um sistema de comunicação complexo. O estudo científico da linguagem, em qualquer um de seus sentidos, é chamado de linguística.

Conforme o mesmo site, a linguagem também é um sistema de sinais para codificação e decodificação de informações. Quando usado como um conceito geral, a palavra "linguagem" refere-se a uma faculdade cognitiva que permite aos seres humanos aprender e usar sistemas de comunicação complexos.

Vale informar que desde o início dos tempos o homem já possuía o desejo de se comunicar. Mesmo não existindo ainda a escrita, como é conhecida na atualidade, eles emitiam sons vocálicos que demonstravam seu modo de ver o mundo físico, como também expressavam suas sensações: fome, medo, insegurança, tristeza. No entanto, com o passar dos tempos, o homem sentiu a necessidade de que a sua história não se perdesse e, assim, a linguagem verbal começou a ser desenvolvida a partir do momento em que o homem julgou necessário criar uma expressão gráfica que representasse o que ele dizia.

Como a linguagem já estava relacionada aos gestos e aos sons, ela podia assumir diferentes significados, conforme a situação praticada e o entorno que a cercava, como ações, gestos e a entonação com que as palavras eram pronunciadas. Assim, progressivamente, foi aparecendo um sistema de códigos que designava objetos e ações, tal sistema começou a diferenciar as características dos objetos das ações e suas relações. Formaram-se, desta forma, códigos sintáticos complexos de frases inteiras, as quais podiam formular as formas complexas de locução verbal (LURIA, 2001). A leitura deixou de ser, então, apenas um sistema de códigos e passou a significar uma faculdade humana, que engloba inúmeras possibilidades.

Sendo assim, o que significa a palavra ler? Etimologicamente é uma palavra derivada do latim, significa recolher, apanhar, escolher, captar com os olhos (disponível em Wikipédia <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Leitura>>). Entretanto, o que entendemos por leitura vai muito além dessas definições, pois, ela requer um conhecimento que vai além da decodificação, uma vez que, em meio às entrelinhas existe todo um contexto e uma intenção, o que requer do leitor uma interpretação e um posicionamento crítico perante o texto.

Segundo a análise do discurso, o texto é visto como a materialização do discurso, ele é apenas um elemento dentro do conjunto que forma a atividade discursiva. Partindo desse princípio, é possível perceber que a leitura abre um vasto espaço para interpretações, pois ele não está fechado em si mesmo, há sempre o lugar para o sentido atribuído pelo leitor. Sendo assim, um texto nunca será uma produção “pura”, pois ele é inevitavelmente construído a partir de outros textos, o que requer um olhar que abraça a multiplicidade de sentidos nele existentes.

Da mesma forma que um texto nunca será uma unidade fechada em si mesma, sua interpretação nunca será a mesma para todos os leitores, uma vez que cada leitor carrega marcas ideológicas próprias. Dessa forma, o sujeito leitor passa a ser visto como sujeito histórico, que possui um lugar dentro da atividade discursiva, ou seja, sujeitos que veem o texto de diferentes modos, a depender do lugar que ocupam na atividade discursiva.

### **A leitura e seus diversos sentidos**

Segundo Silva (1998), discutir sobre leitura é pensar nas condições e possibilidades que esta proporciona, assim como pensar nos efeitos e potencialidades que ela proporciona ao leitor. É importante destacar que a leitura engloba questões políticas, culturais, educacionais e sociais e que a escola é o espaço onde ocorrem discursos a respeito da leitura e das práticas de leitura.

A escola, nesse processo, possui a responsabilidade de criar condições para que os alunos potencializem conhecimentos que eles já possuem. Desse modo, por meio da pesquisa, a escola poderá acrescentar a esses alunos conhecimentos dos quais eles ainda

não tenham domínio, tomando, ciência da realidade local, para então, tentar solucionar, da melhor forma possível, problemas diagnosticados anteriormente.

Nesse contexto de aprendizagem e aperfeiçoamento, a leitura possui um lugar essencial, como afirma Geraldi (1997, p. 75),

Vale dizer que esse lugar não decorre somente das funções que a escola visa atingir, mas confunde-se com a própria caracterização dos atos de educar-se e de ler, que são, em essência, atos de conhecimento de objetos colocados à indagação de sujeitos (professores, alunos, administradores, escolares, etc...) em estado de curiosidade e de busca. Assim, tanto o processo de educação como o de leitura, quando criticamente levados a efeito, indicam um movimento dos sujeitos (envolvidos naqueles processos) de um lugar para outro, procurando compreender e reconhecer a razão de ser das coisas.

É inegável, portanto, a importância da leitura na escola, fazendo-se necessário considerar as condições existentes, adaptando-as ao contexto escolar. Sendo assim, condições escolares concretas são essenciais para o sucesso da dimensão quantitativa e qualitativa da leitura.

Atualmente, a leitura indicada para ser trabalhada na escola não é mais aquela leitura de tempos atrás, onde textos eram tomados em si mesmos, ou seja, a simples decodificação do código linguístico, mas a leitura em que o leitor passa a considerar o contexto, isto é, o objetivo, o conteúdo e o modo pelo qual o texto foi construído. Caso isto não ocorra, o leitor estará somente reproduzindo palavras ou trechos. Essa leitura “alienada” citada acima ainda é frequente nas escolas, o que, infelizmente, forma, cada vez mais, alunos que não conseguem se colocar criticamente diante de um texto. Diante desse contexto em que a leitura está inserida, é possível perceber a necessidade de se (re) pensar o lugar da leitura na escola, uma vez que, a sociedade demanda dos sujeitos à capacidade de lidar com diversas situações dependentes da leitura.

### **Definindo leitura**

Anteriormente falamos da etimologia da palavra “ler”, porém, é preciso defini-la no contexto que nos interessa, o contexto escolar. De acordo com Paulo Freire (1989, p. 9): “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica sempre a continuidade da leitura daquele”. Grande importância tem a leitura em nossa vida. Ela nos abre portas e nos permite compreender o mundo em que vivemos. A

leitura sensorial, apresentada por Martins (1994), é algo natural que se manifesta a partir dos nossos primeiros contatos com o mundo. Há muitos teóricos que buscam uma definição de leitura, mas não há um único conceito padrão entre eles. Martins e Vieira (2012) trazem alguns conceitos para essa palavra afirmando que para ler será preciso muito mais do que a decodificação na sua realização significativa.

Segundo Buarque (1986), ler é decifrar o que está escrito, reconhecer as palavras ou interpretar uma leitura. Um exemplo de leitura pode ser a decifração de uma charge ou sinal surdo-mudo, o que mostra a diversidade de leituras existentes em nosso cotidiano.

Quando se pensa em leitura, automaticamente se pensa em escrita. E se a leitura é assim associada com a escrita, o leitor não é outro senão um mero decodificador do código linguístico. Entretanto, a leitura vai além do que está escrito, pois, como afirma Martins (1994), podemos fazer leitura dos gestos, dos objetos, dos acontecimentos do mundo etc. Isso reforça essa grande questão, uma vez que, para que a leitura seja significativa, é preciso que se compreenda não somente as palavras do texto, mas o que está além delas.

Cagliari (1997) também é um dos autores que discute a respeito da leitura. Segundo o autor, a leitura é mais importante que a escrita e, por isso, ela deve vir primeiro quando se trata da aprendizagem da criança. Além disso, o autor afirma que é a partir da leitura que se obtém sucesso na vida e, por isso, deve ser adquirida desde cedo. Entretanto, para que se tenha o domínio de tal habilidade, é preciso que se construa no aluno o interesse de se tornar um leitor efetivo, isto é, é preciso a ressignificação do trabalho pedagógico para despertar no aluno a vontade de se tornar um sujeito leitor.

### **A leitura na escola**

Muito se tem percebido a respeito da leitura que os alunos fazem. Infelizmente, vemos que os alunos não leem frequentemente, ou até mesmo não leem. E ainda: se leem, dificilmente é porque querem, ou para o próprio deleite, mas sim por obrigação, porque a professora pediu para uma atividade etc. O que falta para despertá-los a vontade de ler cada vez mais?

O professor, como mediador da interação do aluno com o texto e com os demais colegas, deve trazer estratégias que incentivem os seus alunos a ler. Assim, um professor de língua materna deve não somente proporcionar a leitura em sala de aula, mas também ajudar os seus alunos a compreendê-la, para que ela se torne mais fácil e, assim, contínua. Segundo Antunes (2003), a leitura deve ser concebida como uma atividade interativa entre sujeitos. Nesse caso, os sujeitos de interação são o escritor e o leitor, pois, como nos diz Irandé e como veremos mais adiante, toda escrita exige, de certa forma, um leitor.

Quando mais compreendemos algo, conseqüentemente ele se torna mais fácil para nós. Além disso, algo menos complexo pode se transformado em algo frequente. Assim deve ser com a leitura. Um professor que ajuda seus alunos a compreender o que é uma leitura e, assim, facilitando-a para eles, pode fazê-los transformá-la em algo contínuo, que faça parte do seu dia a dia. Entretanto, não podemos deixar de lado o fato de que esse pensamento pode não ter sucesso total, isto é, pode ser que nem todos tornem o fácil em frequente, assim como os alunos podem não transformar a leitura em algo continuado.

Para que a leitura seja recorrente na vida dos alunos, é importante que eles sintam-se motivados. Essa motivação tem que vir do professor, do ensino que ele lhes proporciona. Assim, o professor tem que atuar como uma ponte entre o aluno e o mundo da leitura, o ajudando a vê-la como uma atividade de interação. Não somente isso, mas ele (o professor) deve considerar o fato de que é crucial que os alunos, com a compreensão do que é uma leitura, entendam o que um texto quis dizer.

Em outras palavras, é importante que o aluno saiba que, como leitor, a sua interação com o autor se dá na interpretação de um texto. Sobre isso, nos diz Antunes:

O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as interações pretendidas pelo autor. Nessa busca interpretativa, os elementos gráficos funcionam como verdadeiras “instruções” do autor, que não podem ser desprezadas, para que o leitor descubra significações, elabore suas hipóteses, tire suas conclusões (ANTUNES, 2003, p. 67).

Silva (1998) defende que o professor precisa está inserido em uma formação de professores leitores, ou seja, o professor (a) necessita ser um leitor assíduo, para, desse modo, ampliar seu repertório e conseqüentemente acrescenta muito mais ao seu

trabalho. Para ele, a escola deve permitir que os alunos utilizem seus conhecimentos prévios, enquanto ela, por meio da pesquisa, crie ou produza conhecimentos, até então, desconhecidos.

Ademais, o professor precisa estabelecer os seus objetivos quanto à leitura de um texto, isto é, é importante que os alunos tenham uma orientação de como deve ser a leitura. Deve-se levar em conta que a interpretação de um texto vai além da decodificação de “elementos gráficos”. É importante também considerar o conhecimento já armazenado na mente do aluno para essa interpretação. Autores como Mattencio (1994), Antunes (2003) e Amaral (2010) apontam que, para algumas leituras, é preciso ter um conhecimento antecipado sobre o assunto de que trata o texto. Assim, o professor não pode ficar preso aos elementos puramente linguísticos, se atentando à importância de ajudar seus alunos na orientação de uma leitura e na formação de um conhecimento antecipado, pois, se assim não proceder, “ele não estará contribuindo para que eles desenvolvam sua competência leitora” (AMARAL, 2010, p. 71).

Sabe-se que a leitura é destinada a vários fins como, por exemplo, “busca de prazer, passatempo, aprofundamento em um tema, busca de informações específicas, seleção de textos etc.” (AMARAL, 2010, p. 66). Tendo isso em vista, o professor tem que fazer com que seus alunos peguem gosto pela leitura. Para isso, é importante considerar o fato de que os alunos não gostam de textos muito grandes, já que lê-los acaba se tornando cansativo. Outro ponto importante que também deve ser levado em consideração é de que o professor, além de orientar e deixar claro os seus objetivos, deve ser criativo e levar textos que se encaixem com as coisas de que os alunos gostam, sobre o que faz parte de seu cotidiano, tornando, assim, a aula mais dinâmica para eles. Se num primeiro contato com a leitura o aluno repara que ela se relaciona às coisas que ele gosta, o ato de ler se tornará muito mais agradável para ele. E se isso acontece, ele poderá encontrar em outros tipos de leitura não mais algo em que ele acha chato, mas sim uma fonte de conhecimento e deleite em que não há aquela “pressão” de se ler por obrigação, ou ainda: quando os objetivos são claros, o aluno não lerá somente por que o professor pediu e a leitura não se torna mais algo sem significado.

Vale salientar que o professor não pode deixar de destacar aos seus alunos que nenhum texto, por mais simples ou bobo que seja, é sem intenção. Além disso, é relevante que o professor se conscientize, assim como a escola deve se conscientizar, de

que a leitura é uma atividade onde se tira informações, prazer etc. Entretanto, segundo Mattencio (1994, p. 42), “a escola não tem ensinado o aluno efetivamente a ler, porque trabalha basicamente com a leitura em voz alta (...)”. É preciso que o professor vá de contra essa crença de que ensinar a ler em voz alta é ensinar a ler. Como já observamos em nossa abordagem, a leitura é muito mais do que isso, ela é uma atividade interativa entre os sujeitos de interação (leitor e autor) que tem por mediador o texto escrito.

Considerando o fato de que ninguém lê do mesmo jeito, o professor tem que estar atento às flexibilidades da interpretação de um texto. Assim, não é cabível rotular apenas uma interpretação como a certa ou outra como a errada, mas ao contrário, deve-se encaixá-las para que a interação entre o leitor e o escritor aconteça. Outra coisa que o professor deve fazer é levar textos de diferentes gêneros para dentro da sala de aula, a fim de que seus alunos saibam que é pela leitura que se conhece a linguagem e a estrutura dos diferentes gêneros, sabendo, assim, identificá-los.

Deve-se alertar o professor de que, muitas vezes, o livro didático não oferece atividades que façam da leitura um objeto de conhecimento, de “ampliação dos repertórios de informação e de prazer estético” (ANTUNES, 1997, p. 70-71). Isso acaba fazendo dela algo sem utilidade para o exercício da competência do aluno, não somente de ler, mas também de escrever. Não é descartar o livro didático de vez e sim ir além daquilo que ele oferece aos alunos. Esse é um dos grandes erros que o professor comete. Ainda há aqueles professores que se prendem ao livro didático e não dão aos alunos a oportunidade de usufruir de grandes coisas que se pode fazer com um texto, além de só fazer análises sintáticas ou gramaticais com ele.

Antes de tudo, como já dissemos, é preciso que o professor seja criativo e saiba aproveitar bem o que um texto, do mais simples ao mais rebuscado, tem a oferecer. Desta maneira, o aluno pegara o gosto de se apreciar um texto e não o lerá somente porque o professor pediu, bem como, reforçando o que já foi dito, as orientações de como a leitura deve proceder, a clareza de seus objetivos não podem estar de fora do planejamento de leitura que o professor faz, já que são fatores importantes para torná-la cada vez mais comum e frequente entre os alunos.

É assim que o ensino da leitura na escola deve acontecer. É relevante que se faça um trabalho com ela em cima daquilo que os alunos gostam para que ela se torne menos chata e não obrigatória. O modo como ensiná-la é a chave para que a teoria, de torná-la



contínua entre o alunado, não fique só no papel e se torne realidade dentro da escola. Esta deve reconhecer que, muitas vezes, o que se acha certo não o é. Ora, se a leitura não é bem vista pelo aluno é porque ela não atende às condições que ele lhe atribui. Claro que não é mudar totalmente o que vem sendo trabalhado na escola, mas saber que é importante ser flexível e atento ao que os alunos precisam.

A leitura é de extrema importância para o processo escolar, devendo, se estabelecer como um elemento necessário à constituição de novas aprendizagens, porém, seu conceito vem sendo confundido como um ato mecânico de decodificação. Dessa forma, o ensino/aprendizagem da leitura deve ir além da simples decodificação, pois esta envolve uma complexidade de fatores a serem levadas em conta.

### **A leitura e o letramento digital**

A tecnologia enquanto mediadora da nossa comunicação provoca mudanças na nossa maneira de ler e de escrever. Segundo Gomes (2011), essas transformações são resultado da necessidade de utilizar os recursos tecnológicos, uma vez que, nos dias de hoje, a ideia de sucesso está ligada ao domínio dessas tecnologias. E como fazer essa ponte entre o mundo tecnológico e o mundo da leitura?

Muitos educadores veem a tecnologia como a principal vilã da educação e da leitura, pois a atenção dos alunos está mais voltada aos aparatos tecnológicos do que à escola. Entretanto, é inegável o fato de que, mesmo pouco, os alunos leem seja no computador, no celular, no tablet etc. Dessa maneira, muitos professores falham em querer empurrar leituras nos alunos a partir de materiais e métodos antigos, isto é, em coisas que eles não têm interesse. Segundo Kleiman (1989), é preciso que o professor tenha a consciência de que os alunos de hoje são diferentes dos alunos de antigamente e, por isso, os materiais e os métodos que ele lhes oferece são inadequados.

Nos dias atuais, é atribuído à leitura um papel cada vez mais importante, pois é através dela que o indivíduo compreende o assunto lido e dá significado a leitura, para, a partir de então, acontecer a construção do conhecimento. O indivíduo passa a ser considerado leitor quando começa a compreender o que lê, confirmando a ideia de que ler significa, antes de tudo, compreender e não somente decodificar o signo linguístico,

é necessário que o sujeito se porte diante do texto, o transformando por meio da sua leitura.

### **Considerações finais**

A leitura é uma das etapas mais importantes no processo de alfabetização, além de ser necessária para todas as demais etapas escolares e para toda vida de uma pessoa. Sendo assim, cabe a escola fazer com que esse processo avance a mera decodificação do código e passe contribuir significativamente para formação de sujeitos capazes de utilizar a leitura em meio a situações reais.

Ressaltamos, assim, que o uso da leitura como prática social é essencial para o processo de independência do sujeito leitor, uma vez que um indivíduo que não esteja inserido nesse meio por meio da leitura ficara a mercê de informações prontas.

A partir dos estudos e ideias expostas anteriormente, a respeito da leitura e dos seus desdobramentos em meio ao contexto da educação foi possível confirmar a ideia de que é preciso que haja mudanças no que tange as práticas atuais de leitura.

Infelizmente, a realidade da educação ainda se prende a métodos antigos, o que impede que a leitura se torne algo prazeroso para os alunos, fazendo que eles desejem um contato com a leitura além dos muros escolares. Pode-se dizer que isso ocorre devido a uma má formação dos professores de língua materna ou as condições de trabalho desses professores. Por outro lado, é possível observar também, que muitos professores já utilizam em suas dias a dia práticas inovadoras com o intuito de despertar nos alunos o gosto pela leitura e mostrar a eles a importância da mesma para suas vidas.

Neste contexto, este artigo objetivou mostrar, por meio de estudos teóricos, as possibilidades que novas metodologias podem trazer para o contexto escolar, propiciando que os alunos olhem para a leitura de modo diferente ao habitual.

Após o estudo bibliográfico realizado, foi possível notar que aparentemente há um quadro de fracasso escolar, no entanto, percebemos que é possível reverter a atual situação passíveis de realização que promover novas estratégias de leitura no espaço escolar. Dentre essas medidas está no “desapego” do livro didático como única ferramenta possível de trabalho em sala de aula. É possível que por meio novas práticas de leitura nas escolas sejam alcançados grandes avanços.

Indiscutivelmente, o grande desafio da escola e dos professores é formar leitores proficientes e para que isso ocorra é necessário que se pense em novas e melhores estratégias, que possa estimular os alunos a se envolver nas leituras em sala de aula e fora dela. Para tal ação, o profissional de educação deve buscar auxílio, na diversidade de gêneros textuais que fazem parte do universo do aluno, a fim de trazer esse aluno para o mundo das leituras através do que há de mais familiar para ele.

Por fim, acreditamos que este cenário atual da educação e da leitura pode e deve ser modificado por meio de reformulações na formação de professores. Dessa forma, depois de repensado e reformulado, os métodos utilizados em sala de aula serão capazes de despertar nos alunos um maior interesse pela leitura, formando, assim, leitores que realizam leituras frequentes, mais pelo prazer que pelo dever.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BUARQUE, L. L. *Estilos de Desempenho de professores da 1ª série e seus efeitos sobre a aprendizagem da leitura*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 1986.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1997.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- GOMES, Luís F. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- KLEIMAN, A. *Leitura: Ensino e Pesquisa*. Campinas: Pontes, 1989.
- LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. MARTINS, Angela Maria Gusmão & VIEIRA, A *leitura e a sua ação pedagógica na sala de aula*
- MARTINS, Angela Maria Gusmão S. *Ler e escrever na escola: reflexões e ação docente*. Vitória da Conquista Edições UESB, 2012.
- MATENCIO, M. L. *Leitura, produção de textos e a escola*. Campinas: Mercado de Letras. 1994.
- OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SILVA, E. T. *Elementos de pedagogia da leitura*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.